

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

ASSIGNATURA

Aveiro: 100 n.º, 25000; 50, 15000; 25, 500 réis.—Fóra de Aveiro: 100 n.º, 25250; 50, 15125; 25, 570 réis.—Brazil: 100 n.º (moeda forte), 45500 réis.—Pagamento adiantado.

Redacção, rua do Espirito Santo, 71

PUBLICA-SE ÀS QUINTAS-FEIRAS E DOMINGOS

NUMERO AVULSO, 20 REIS

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis.—Communicados, cada linha, 30 réis.—Annuncios permanentes, mediante contrato.—Os srs. assignantes gozam do desconto de 50 p. c.

Administração, rua do Espirito Santo, 71

AVEIRO

De mal a peor

Não falta quem accuse de pessimismo os que vêem cada vez mais negra a situação do paiz. Ora os que falam assim não estudaram, sem duvida, a linguagem dos dois ultimos ministros da fazenda, os srs. Augusto José da Cunha e Marianno de Carvalho.

Já mostrámos aqui quanto havia de assustador nas palavras com que o sr. Augusto José da Cunha se referiu ao contracto do tabaco, respondendo na camara ás varias objecções que alguns deputados lhe faziam. «Hypothecar os rendimentos dos tabacos, dizia s. ex.ª n'estes ou em outros termos equivalentes, nas condições propostas, concordo que é mau, que é pessimo. Mas não tinha outra coisa a fazer para evitar a bancarrota.»

Assim se exprimia, pouco mais ou menos, o penultimo ministro da fazenda.

Aquí transcrevemos fielmente as palavras de s. ex.ª Quem se quizer dar ao trabalho de folhear a nossa colleção, ha de encontral-as. Ora quem falava assim, não admittia mais duvidas sobre o estado desesperado do thesouro. Não era qualquer deputado da opposição, qualquer jornalista ou politico interessado em pintar as coisas com negras cores, que se exprimia n'aquelles termos. Era o ministro da fazenda, o proprio que só em ultimo extremo, como é costume, confessaria a verdade.

Depois d'isso, esperar um desastre a cada passo não seria insensatez. Ter optimismos, e esperanças infundadas, vêr isto cor de rosa, é que seria uma parvoçada sem equal.

Assim pensámos e assim o dissemos sempre.

Agora, coisa curiosissima, é o sr. Marianno de Carvalho que se não esconde de professar os mesmos pessimismos e de usar das franquezas que usou o sr. Cunha. Como isto andar, santo Deus!

O artigo publicado na segunda-feira, 11 do corrente, no *Diario*

Popular, é por esse motivo muito commentado. O sr. Marianno de Carvalho nitidamente declara que estamos á borda do abysmo. Castiga, como se fosse juiz, caso de notavel psychologia, os esbanjamentos, os desperdícios, os crimes commettidos por todos os homens publicos n'esta terra. S. ex.ª, que foi um dos peores e dos maiores esbanjadores!

Ri-se sardonicamente de toda a parvalhada indigena que vae de coração alegre n'esta nau escavada, como se fosse buscar ouro á California, quando o penhasco da rocha e o encapellado do mar não nos apresentam senão a perspectiva d'um naufragio horroroso. Chama relaxados aos funcionarios publicos, estúpido e boçal ao povo, ridiculo ao ministerio passado e semi-ridiculo ao ministerio actual. E termina por deixar a nú a situação:—perigosissima, marchando para um ajuste de contas amargo, crudelissimo, em que tudo ameaça subverter-se e confundir-se.

Diz-se que aquelle artigo é uma ameaça ao ministerio que tem conspirado ultimamente contra o sr. ministro da fazenda. Que é a despedida do sr. Marianno de Carvalho. Que é uma desafronta das picardias que a camara dos deputados, por ordem do sr. Lopo Vaz, tem feito ao redactor do *Diario Popular*. Seja o que fór: aquillo é verdadeiro, com a circumstancia muito attendivel de que é dicto pelo ministro da fazenda. A situação é tão perigosa, tamanho cataclismo se accumula sobre a nossa cabeça, que os proprios ministros se não atrevem já a escondel-o.

O sr. Marianno de Carvalho não tem auctoridade nenhuma para fazer censuras. Mas lá que dá vontade de rir esta parvalheira indigena, em que tudo folga e ri, em que tudo espera despreocupadamente o dia de amanhã, em que se jogam as mesmas ambições, as mesmas intrigas, os mesmos egoismos dos dias felizes, lá que dá vontade de rir essa parvalheira, que causa nojo esse torpissimo jogo d'interesses e ambições, que repugna a bestialidade em que tudo vive e que entristece não se vêr uma luz d'esperança bruxolear ao longe, nem nos homens, nem nos partidos, nem

na sociedade portugueza, emfim, lá isso é verdade.

Uma chafurdice immensa. E assim iremos vivendo emquanto Deus quizer.

A'S DUAS...

A Companhia dos Caminhos de Ferro.—No parlamento. Espantoso!—Demissão do sr. Marianno de Carvalho.—A policia intervem.

Ha muito que se fallava em graves irregularidades na administração da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes. Apontavam-se a dedo os implicados n'essas irregularidades, que crearam á companhia uma divida fluctuante de cerca de 12:000 contos.

Os accionistas estrangeiros pretendiam tornar o governo portuguez solidario com os desatinos dos administradores da companhia, e um deputado, o sr. Luciano Monteiro, levou a questão ao parlamento, levantando-a na sessão de 11, pedindo que os tribunaes intervissem em assumpto tão grave, para castigar os criminosos, se os houver.

A sessão foi tempestuosa, deixando as galerias vivamente impressionadas.

O orador refere-se a uma das ultimas assembleias da Companhia Real. N'uma d'essas reuniões revelaram-se coisas pasmosas. Um accionista queixa-se de compras feitas pela companhia a dinheiro inferior ao que figura na escripturação. A linha d'Alfarelos está n'este caso. Elle, orador, comprou as suas acções sem auctorisação de ninguém. A compra de terrenos para o tunel do Rocio foi uma imprudencia sem nome. O empreiteiro ganhou libras 150:000, e havia quem fizesse a obra por 100:000 libras menos e não foi o preferido. A companhia comprara acções a si mesma, que distribuiu por individuos que figuraram de accionistas. De 1884 a 1892 a divida fluctuante da companhia ascende a 12:000 contos, e como ultimo exemplo, depois de desenrolar um quadro negro de operações incorrectas, ac-

rescenta: e diz-se que os governos é que crearam esta situação á companhia. (Vozes: ouçam, ouçam.)

E' preciso liquidar esta situação entre o governo e a companhia. (Apoiados.) O governo não tem responsabilidades nos desatinos da companhia. (Apoiados da maioria.) E' injusto querer-se confundir as responsabilidades do governo com as d'esta empresa. (Muitos apoiados da maioria.)

Em França aos directores de uma empresa que prevaricam, em vez de uma syndicancia mandam-lhe um commissario de policia. E' necessario que em Portugal assim se proceda.

O governo tem meio e deve intervir ordenando uma syndicancia a valer, correcta e séria sobre estes assumptos. N'esta parte não diz mais nada. Aguarda a presença dos srs. ministros.

E' preciso levantar o prestigio do paiz. Ainda ha pouco o sr. ministro da fazenda dissera no parlamento, referindo-se á falsificação de notas, que realmente havia notas falsificadas. Pergunta: Onde estão os falsificadores? Como se castigaram? Que passos se dêram para se descobrirem?

—Ordem!
O orador: Pedem ordem! A ordem é fazer-se o que é urgente e

goa ao lél-os; oh! elles estão quasi sumidos com as minhas lagrimas: quando eu morrer, queimal-os-has...

Ella estava tão fraca e tão comprimida, que não podia pronunciar duas palavras seguidas; parava quasi a cada syllaba e depois falava tão baixo que me custava a ouvir-a, apezar de ter o ouvido pregado na sua bocca.

Peguei na chave, apontei para o oratorio e ella fez-me signal com a cabeça que sim; depois, presentindo que a ia perder e persuadida de que a sua doença era o resultado da minha, ou do desgosto que tinha tido, ou dos serviços que me tinha prestado, puz-me a chorar e affligi-me extraordinariamente. Beijei-lhe a fronte, os olhos, o rosto e as mãos; pedi-lhe perdão: mas ella parecia estar abstracta e não me ouvia; passava uma das suas mãos pelo meu rosto e acariciava-me; creio que tambem me não via; tal-

FRANCISCO CHRISTO

OS ACONTECIMENTOS DE 31 DE JANEIRO

E A

MINHA PRISÃO

A' venda n'esta redacção e na tabacaria e estabelecimento de moveis do sr. João Francisco Leitão, á rua de José Estevão.

Remette-se franco de porte a quem enviar 600 réis a esta redacção.

inadiavel para salvar a honra do paiz. O governo tem de intervir e quanto antes. (Apoiados.) Elle, orador, não pôde ouvir serenamente o boato que ahi corre de que a camara está comprada.

Intervir e sem delongas! Pois só ha de haver penitenciarías para os que roubam um pão! O Estado, repete, tem cumprido até hoje os seus compromissos; é tambem de opinião que se proceda a um inquerito aos actos da companhia para que a moralidade seja alguma coisa entre nós.

As *Novidades* secundaram a exigencia do sr. Luciano Monteiro, pedindo a intervenção dos tribunaes, e em vista das queixas formuladas no parlamento por aquelle deputado, de terem sido desencaminhados os fundos da caixa de aposentações dos empregados do caminho de ferro, que alli fosse o sr. commissario de policia verificar se era verdadeiro o facto.

O encarregado d'esta commissão foi o sr. dr. Pedroso de Lima, acompanhado por alguns policias da sua divisão.

Chamando os directores actuaes da companhia, o sr. commissario de policia fez abrir o cofre das aposentações e proceder a verificação dos valores que elle conti-

vez julgasse que eu tivesse sahido, porque me chamava:

—Irmã Suzanna?
Respondi-lhe:
—Estou aqui,
—Que horas são?
—Onze horas e meia.
—Onze horas e meia! Vae jantar, anda, depois torna a vir...
Deu-se signal para o jantar, tive que a deixar.

Quando cheguei á porta, tornou-me a chamar; voltei; fez um esforço para me dar os labios a beijar; beijei-os; pegou-me na mão e ficou com ella agarrada; parecia que não queria que eu sahisse d'alli, que não me podia largar. "Mas é preciso, disse ella largando-me; Deus assim o quer; adeus, irmã Suzanna. Dá-me o meu crucifixo... Metti-lh'o nas mãos e fui-me embora.

(Continúa.)

48 ROMANESIM

DIDEROT

A FREIRA

Esta acção era tão pouco equívoca que algumas religiosas, tendo-se offerecido áquella mão que andava ás apalpadellas e não sendo reconhecidas, porque então a minha amiga cahia na prostração, diziam-me: "Irmã Suzanna, sois vós quem ella procura; aproximae-vos...". Ajoelhava-me ao pé d'ella, passava a sua mão pela minha fronte, onde ficava pousada, até ella voltar a si; quando sahia d'aquelle estado, dizia-me: "Oh! irmã Suzanna, sou eu que morro e

tu que ficas; sou eu a primeira a vêr a nossa antiga superiora; fálhe-hei de ti, ella não me ouvirá sem chorar (se ha lagrimas amargas, tambem as ha bem doces); e se no céo tambem se ama, porque se ha de chorar?.. Então encostava a cabeça ao meu pescoço e, chorando muito, accrescentava: "Adeus, irmã Suzanna; adeus, minha amiga; quem é que tomará parte nos teus desgostos, quando eu tiver morrido? Quem é?... Oh! querida amiga, que pena que eu tenho de ti! Eu morro, bem o sinto. Se tu fosses feliz, com que pezar eu morreria!"

O estado d'ella assustava-me. Falei á superiora. Eu queria que a mettessem na enfermaria, que a dispensassem dos officios e dos outros deveres violentos da casa, que se chamasse o medico; mas respondiam-me sempre que aquillo não era nada, que os desmaios haviam de lhe passar por si; a boa irmã

Ursula, não pedia senão para cumprir os seus deveres e seguir a vida commum.

Um dia, depois de ter assistido ás matinas, não tornou a apparecer. Imaginei que estivesse muito incommodada e, logo que se acabou o officio da manhã, fui ter com ella; encontrei-a vestida, deitada em cima da cama; ao vêr-me, disse-me: "Estás ahi, minha amiga? Calculava que não tardasses e estava á tua espera. Escuta-me: como eu estava ansiosa pela tua vinda! O meu desmaio foi tão forte e tão longo, que julguei ficar aqui e não te tornar mais a vêr. Toma lá a chave do meu oratorio, abre o armario, tira uma pequena tábuca que separa a gaveta de baixo em duas partes; has de achar atraz d'essa tábuca um embrulho de papeis; nunca me pude resolver a separar-me d'elles, ainda que corresse muito perigo em os guardar, e que sentisse uma verdadeira má-

ha. Encontraram títulos de 4 1/2 por cento, ao portador, mas viu-se que o desfalque montava aproximadamente a 150 contos, que estavam representados por um conhecimento que indicava um depósito, montante a essa somma, no Banco Lusitano, effectuado em títulos semelhantes.

Apezar d'aquelle documento que parecia ser garantido e ter feitas as indicações que pareciam torná-lo authentico, o sr. Pedroso de Lima transportou-se immediatamente à sede do Banco Lusitano, onde apresentou o conhecimento e requisitou informações. Ali soube que tal documento era falso. Nunca ali tinham sido depositados taes títulos. As assignaturas estão falsificadas.

Depois d'isto, a policia, continuando nas suas indagações, averiguou que os títulos estavam empenhados no Monte-pio Geral, mas por um emprestimo feito a um antigo director da Companhia dos Caminhos de Ferro.

Em vista d'isto, e sendo já tambem conhecido o auctor do documento falsificado, estão imminentes tanto a captura d'este como a do antigo director, directamente compromettido no caso.

No caminho de ferro continúa guardado pela policia o cofre das aposentações e os documentos e valores n'ellé encontrados, e sobre os quaes a justiça estabelecerá as bases do corpo de delicto e exames respectivos.

A' vista dos successos que vimos referindo, o sr. Marianno de Carvalho, ministro da fazenda, deu a sua demissão, sendo esta noticia comunicada á camara, na terça-feira, pelo sr. presidente do conselho.

E' muito commentada, por diversos modos, a sahida do sr. Marianno n'esta occasião.

Consta que foi convidado o sr. Oliveira Martins para entrar no ministerio, mas que recusára allegando compromisso com o sr. José Dias Ferreira.

A' ULTIMA HORA

Parece confirmar-se o mandado de captura contra o titular, antigo director da companhia do Norte.

Carta de Lisboa

12 de Janeiro.

Começou hontem na camara a discussão das pautas.

Eu continúo a pensar da mesma forma n'essa questão, questão aliás d'uma importancia extrema para o paiz. Ha industrias que podem e devem ser protegidas. Não sou contra essa protecção. Pelo contrario, o que eu desejava era que a protecção fosse justa, isto é, que se protegessem as industrias licitas, que tem futuro, que não se propõem explorar, e que se não deixassem essas para traz a fim de proteger industrias, ou que já não precisam de protecção ou que não tem futuro nenhum. Infelizmente, o que se vae fazer, e o Povo de Aveiro foi o primeiro periodico do paiz que o previu e que teve coragem para arrostar com a onda do sentimentalismo tolo, o que se vae fazer é exactamente o contrario. As industrias licitas e susceptiveis de desenvolvimento ficaram ao abandono, ao passo que as ilicitas, isto é, as que se propõem roubar o consumidor, as que tem só em mira favorecer meia duzia de individuos, vão receber uma protecção escandalosa, escandalosissima. E' uma das maiores poucas vergonhas que eu conheço. Continúamos a ser victimas, sempre victimas dos syndicatos. De nada mais se trata, de nada mais se quer saber em Portugal.

Escuso agora de especialisar. Talvez o faça n'outro dia. Mas haja vista o que se projecta com o papel de impressão. Para favo-

recer meia duzia de homens, que não são mais, vae-se arruinar, se o escandalo passar, a industria typographica. N'um paiz onde se não lê, onde os jornaes vivem todos uma vida difficilissima, arrastada, onde existem já sem trabalho dezenas de typographos, lançar um imposto enorme sobre o papel d'impressão só para metter umas libras no bolso de certos magnates, dá uma idéa exacta do que será a tal decantada protecção á industria nacional.

Toda a gente sabe que a industria dos pannos crus está muito adeantada entre nós. Que o consumo é feito quasi todo de panno cru nacional. Pois tambem essa industria pede protecção! E assim por deante.

Emfim, veremos o que sahe da discussão parlamentar e iremos falando sobre o assumpto. Mas, hoje e sempre, protestaremos contra essa febre de especulação, de egoismos, de syndicatos que tem reduzido o paiz á ultima magresa.

Nós logo vimos que os protectionismos haviam de dar isto.

—Corre hoje com muita insistencia que ha crise ministerial. Diz-se que sahe o sr. Marianno de Carvalho. Não sei o que ha de verdade a esse respeito.

—Tem causado um verdadeiro escandalo a ultima sessão da assembléa geral dos accionistas da Companhia do caminho de ferro de norte e léste. Hoje falta-me vagar para me referir detidamente ao assumpto. Mas aquillo foi estupendo! E' outra nota curiosissima da baixesa em que cahiu a sociedade portugueza. Estupendo, estupendo! O sr. Burnay chamou claramente ladrões aos syndicatos portuguezes. Os syndicatos portuguezes chamaram claramente ladrão ao sr. Burnay. O sr. Burnay recebia no mesmo dia uma grã-cruz!!!... etc, etc.

Estupendo! Estupendo!
De fórma que vão apparecendo novidades. Verei se tambem me apparece a vontade. E assim voltaremos regularmente a escrever. Até domingo.

Y.

Curso de Grammatica Portugueza

Em resposta á apreciação a este livro d'estudo dos srs. Abilio David e Fernando Mendes, feita no *Portuguez* pelo sr. dr. Candido de Figueiredo e por nós transcripta em o n.º 549, escreveu o sr. dr. João de Deus a seguinte carta que, com a devida venia, copiamos do n.º 4 do nosso illustrado collega *O Reporter*.

Ora, comquanto o sr. dr. João de Deus não cite na sua resposta, o *Curso de Grammatica*, os nossos leitores sabem muito bem que este compendio escolar traz uma carta-prefacio de s. ex.*

Meu caro amigo Candido.—Deixe-me dizer-lhe que em *amo* não ha a voz *â*; poderá o meu amigo de proposito ou por habito dizer *â-mo*, mas pode-se afirmar que tal pronuncia é contrafeita para as 4 quintas partes do povo portuguez. O estylo da lingua é nasalado a voz forte, ou de syllaba forte, antes das articulações que se escrevem com *m* e *n*. *Homem, comem, come, comes, leme*, pertencem ao muito diminuto numero das excepções.

Eu não sei se o meu amigo analysa bem essa primeira voz de *amo*, na sua propria pronuncia; bem pôde ser que não; porque não é raro encontrar pessoas illistradas que jurariam aos Santos Evangelhos, que não ha voz nasalada em vinho, ponha, ruha, sonha, etc., e vão-se fartando de as proferir! Como lê o meu amigo *pena* e *penna*: differentemente? Pois se as lê e profere differentemente, creia que é raro isso, e contrario ao estylo da lingua.

Dê a qualquer *Roma* a ler; e se elle lhe ler *Rô-ma*, eu perco uma

duzia de troxas de ovos. Ha de ler como se lhe escrever *Rô-ma*. E' a tal coisa: «vogal de syllaba forte antes de *m* ou *n* lê-se como se tivesse um til; lê-se nasaladamente». Ha apenas uma excepção generica, nas primeiras pessoas do plural dos preteritos perfeitos. Mas ficou-se lá dizendo *â-mo*, que eu cá irei dizendo *âmo*;—sem *fannhar!*... que isso é demais; mas nasalando, como em Antonio e em Antunes; não vou mal; vou em boa companhia, em companhia, *ao menos*, de metade do povo portuguez, que já não é pouco!... Quanto ao *â* em *ei*, meu caro amigo, faz-me lembrar um escrivão de juiz de direito, de Loulé, que dizia a um velho amigo meu: «Você tem razão, mas não lhe assiste a justiça!» Nunca percebi este oraculo do tal escrivão, senão agora. O meu amigo tem razão no que affirma, mas não lhe assiste a justiça no que nega: que o meu amigo e muitos outros leiam *ei di*, é verdade; mas que se não deva ler *êi*, n'isso é que lhe não assiste a justiça! As vozes incham: o *im* e o *um* incharam tanto na lingua franceza que até desapareceram do estylo culto; mas ainda lá por França se ha de dizer muito *im* e muito *um*. Que as linguas mudam, variam, modificam-se em tal ou tal elemento ou grupo de elementos, é facto; mas não mudam assim d'um dia para o outro, como nós mudamos de leis e de governos.

Vai indo aos poucos, vai lavrando a mudança, mas primeiro que alastre todo um paiz vão annos e até seculos. O nosso velho e dissonante *ou* ainda lá está para o norte, e faz as delicias dos cavalleiros e senhoras mais conspicias da cidade eterna (se é assim que se chama ao Porto). O nosso *ei* (*êi*) tambem inchou, quer dizer vai inchando: nos Açores a conquista está feita: lá não ha ilha, ha *ilha*: ora se o *â* inchou a este ponto, que admira quei *êi* chegasse a *âi*. Outro dia me dizia um merceeiro da calçada do Combro, a quem perguntei d'onde era certo queijo: «Da *ilha* do Páico». Como tive felizmente occasião de ouvir mil vezes, uma dama de S. Miguel chamou ao filho—menãino, percebi o homem, e traduzi—*ilha* do Pico. Mas certamente que se este homem escrevesse um tratado de prosodia, e nunca tivesse sahido da ilha do Páico, diria: o *i* vale *âi*. Foi talvez ou semelhantemente o que aconteceu ao nosso adoravel Castilho. De Lisboa partiu com o seu *êi* engatilhado na ponta da lingua para o caso em que isso se houvesse de escrever *ei*; chegado a S. Miguel e ouvindo mil vezes *páito*, *láite*, *lái*, *dái*, por este symptoma manifesto da nossa proveniencia generica, o bom do nosso Castilho adopta o *âi* o ponto de mandar que o *ei* se leia *âi*. Muito lhe havemos de nós agradecer não mandar que *menino* se diga *manãino*, porque o caminho que levou no *âi* lá ia dar: era o uso local, e o uso não era só *lái*, era tambem *menãino*.

Ora pois, com tudo isto quero eu dizer que portuguez não é uma coisa só, em varios pontos: que é portuguez? *lôuro*, *lôro* ou *lôiro*? E' tudo: mais ou menos antigo, mais ou menos usado, mas tudo bastante usado e autorisado para se lhe chamar portuguez.

Assim tambem *dêi* é perfeitamente e legitimamente portuguez: e não o será igualmente *dâi*? Duvido que o seja igualmente: a orthographia mostra que é prosodia mais moderna, e aos que affirmam que é mais usual resta provar-o. Os que me ouvem sobre o methodo de leitura, como nestes tres ultimos mezes as pessoas que adiante indicarei, todas me ouvem que onde reina a prosodia *âi*, deem a regra—que o *e* vindo com *i* se lê como se estivesse no fim. Não quero para mim essa prosodia, nem a recommendo aos professores, mas pois que as linguas se evolucionam, desde que os povos de localidades dis-

tinctas e pessoas numerosas de categoria litteraria acceitam tal ou tal variante, acceita-se a variante.

Mais lhe queria dizer sobre prosodia, e orthographia por consequencia, mas isso são contos largos que o enfastiam e a mim não me abrem o apetite: deixemos isso para as kalendas gregas. Os nomes das pessoas a quem acima me referi são: D. Isabel Augusta de Mendanha Themudo, D. Emilia Rosa Soares, D. Emilia Julia Martinez, D. Maria Arnalda Martinez, D. Barbara Silva de Oliveira, D. Maria Julia Lyra, Raphael dos Santos Grincho, e Francisco Ferreira Cancellia, professor de Alcaria, enviado pela camara de Porto-de-Mós. Estes são testemunhas de que para mim *ei* vale *êi* e *âi*, e não só *âi* como o meu amigo quer, mas por isso não havemos de ficar mal.

S. C. 5—1—92.

Do coração,
JOÃO DE DEUS.

NOTICIARIO

Reorganisação das reservas

A ultima ordem do exercito insere o novo regulamento do serviço de reservas. Segundo esse regulamento, o paiz fica dividido em 36 districtos de recrutamento e reserva, com as seguintes sedes:

1: infantaria 1, Lisboa; 2: caçadores 2, Lisboa; 3: infantaria 5, Lisboa; 4: caçadores 1, Setubal; 5: infantaria 7, Lisboa; 6: infantaria 11, Thomar; 7: caçadores 6, Leiria; 8: caçadores 8, Abrantes; 9: infantaria 2, Ovar; 10: infantaria 23, Coimbra; 11: infantaria 9, Lamego; 12: infantaria 14, Vizeu; 13: caçadores 5, Santa Comba-Dão; 14: infantaria 16, Figueira da Foz; 15: infantaria 12, Guarda; 16: infantaria 21, Covilhã; 17: infantaria 24, Pinhel; 18: caçadores 9, Porto; 19: infantaria 10, Porto; 20: infantaria 18, Porto; 21: infantaria 6, Penafiel; 22: infantaria 20, Guimarães; 23: infantaria 8, Braga; 24: infantaria 3, Vianna do Castello; 25: caçadores 7, Valença; 26: infantaria 13, Villa Real; 27: infantaria 19, Chaves; 28: caçadores 3, Bragança; 29: infantaria 22, Portalegre; 30: infantaria 4, Elvas; 31: infantaria 17, Beja; 32: infantaria 15, Lagos; 33: caçadores 4, Tavira; 34: caçadores 10, Angra do Heroismo; 35: caçadores 11, Ponta Delgada; 36: caçadores 12, Funchal.

Cada districto comprehende todas as praças da primeira ou segunda reserva, n'elle domiciliadas, seja qual fór o posto, arma ou serviço a que pertençam.

Os reservistas de infantaria ou caçadores de cada districto, quando forem chamados ao serviço activo, ordinaria ou extraordinariamente, serão, em regra, incorporados no respectivo regimento de infantaria ou caçadores.

O pessoal dos districtos residirá na sede dos districtos, e fará parte do quadro do respectivo batalhão de reserva, com excepção do commandante, no caso de ser reformado, e das praças que forem reformadas.

Todas as praças de pret gradua-das dos quadros dos districtos deverão ser readmittidas.

Os soldados e corneiros devem ter mais de um anno de serviço effectivo na fileira, sujeito a nomeação de escala.

Os sargentos reformados vencerão a gratificação de 240 réis diários e os fideis a de 120 réis.

As repartições de recrutamento e reservas dos quartéis geraes e os commandantes dos districtos de recrutamento e reserva das ilhas adjacentes enviarão, semestralmente, até 15 de agosto e 15 de fevereiro, aos commandos e inspecções geraes das differentes armas, mappas, por districtos de recrutamento e reserva, dos reservistas da respectiva arma domiciliados na divisão ou districto insular, referidos a 30 de

junho e 31 de dezembro anteriores.

Como reservas do exercito activo continúa comprehendendo-se todas as praças da 1.ª e 2.ª reserva, nos termos da lei de setembro de 1887 e mais legislação vigente sobre recrutamento.

A primeira reserva será chamada ao serviço ordinariamente 20 dias em cada anno, e poderá ser geral ou parcial. Esta classe de reserva poderá ser chamada extraordinariamente, por medida de segurança publica ou decreto do governo.

A segunda reserva só poderá ser chamada em tempo de guerra; em tempo de paz apenas se farão convocações para revistas ou instrução.

O quadro dos officiaes da reserva pôde ficar constituido:

1.º Pelos officiaes regressados do ultramar, enquanto não entrarem nos quadros das suas armas;

2.º Pelos officiaes na disponibilidade;

3.º Pelos officiaes dos estados-maiores das armas que desempenhem commissões, cujo exercicio haja de suspender-se em tempo de guerra;

4.º Pelos officiaes em commissão estranha ao ministerio da guerra, com excepção dos das guardas municipaes e fiscal;

5.º Pelos officiaes na inactividade temporaria pelo pedir;

6.º Pelos officiaes que hajam solicitado e obtido a demissão, antes de haverem completado o tempo legal de serviço effectivo;

7.º Pelos officiaes demittidos a seu pedido que, tendo mais que o tempo legal de serviço, solicitarem a sua admissão nos quadros da reserva;

8.º Pelos officiaes reformados dos exercitos do continente e ultramar residentes no continente do reino e ilhas adjacentes, só incapazes de serviço activo.

9.º Pelos alumnos militares da Escola do Exercito que, tendo pelo menos approvação em um anno do respectivo curso, passem á reserva;

10.º Pelas praças de qualquer das reservas habilitadas com o curso do real collegio militar;

11.º Pelos primeiros sargentos que passem á segunda reserva;

12.º Pelos officiaes inferiores com approvação do curso completo das escolas regimentaes que passem á segunda reserva;

13.º Pelas praças de reserva, com o curso dos lycées, que obtenham approvação no exame theorico pratico para official de reserva.

14.º Pelas praças de reserva com cursos superiores ou os cursos especiaes de commercio, conductores, agronomos ou veterinarios, que satisfaçam ao mesmo exame.

15.º Pelas praças licenceadas para a reserva, depois de um anno do serviço, que satisfaçam as condições de um exame especial.

16.º Pelos portuguezes com menos de 45 annos, officiaes de um exercito estrangeiro.

17.º Pelos paizanos, com menos de 45 annos, que se obriguem a servir na reserva por 6 annos, tendo pertencido ao exercito e tendo sido sargentos ou possuindo o curso do collegio militar.

Os bachareis em medicina e medicos cirurgiões serão classificados cirurgiões ajudantes de reserva e respectivamente se dará collocação de veterinario, capellão e pharmaceutico aos individuos com as habilitações d'esses cargos.

Para as faltas que os reservistas commettam quando essas não estejam comprehendidas no codigo de justiça militar, estabelecerá o regulamento diversas penas disciplinares.

Dias Ferreira

Refere um correspondente de Lisboa, para um jornal de provincia:

Falla-se outra vez no sr. Dias Ferreira para ministro. Parece

que este cavalheiro, no caso de ser encarregado de organizar ministerio, propõe como condição sine qua non, a supressão do parlamento por seis annos. Diz elle que emquanto os governos precisarem dos deputados, nada poderão fazer a bem do paiz.

TEMPO

Continúa frio. O vento rondou para o nordeste, aurindo a humidade de que as ruas e as terras se achavam impregnadas.

Caça envenenada

Foi entregue aos tribunaes, e deu ante-hontem entrada nas cadeias d'esta comarca, um individuo sobre o qual pesa a gravissima accusação de caçar nos campos de Angeja, com isco envenenado.

A caça morta era depois levada ás praças de Pardelhas, Estarreja, e d'esta cidade.

Em poder da justiça está uma quantidade de arroz impregnado de materia venenosa, que vae ser convenientemente analysado.

O anno de 1892

A revista ingleza *Black and White* inaugurou com os seguintes prognosticos, que não deixam de ser engraçados, o anno que principiou:

Prevê que n'este anno de 1892 reberará a grande guerra que porá em lucta todas as potencias europeias, e faz uma resenha d'aquella campanha gigantesca, acompanhando-a de gravuras.

Segundo a *Black and White* a grande guerra terá por causa primaria uma tentativa de assassinar contra o principe Fernando da Bulgaria por um agente russo ou montenegrino disfarçado em soldado turco. Stambuloff é nomeado regente e mobilisa o exercito bulgaro. Em virtude d'esta mobilisação a Servia declara guerra á Bulgaria.

Em vista de tal declaração, a Austria occupa de improviso Belgrado, e a Russia dirige os seus exercitos para a Romania e Constantinopla. A guerra ateia-se e de paiz em paiz abrange toda a Europa.

A referida revista promete continuar esta resenha phantastica e agoureira.

THEATRO

E' definitivamente no domingo a récita do grupo dramatico aveirense.

O espectáculo, que é attraente, consta do que vae annunciando em outro lugar d'este jornal.

A casa está quasi toda passada. Da geral não ha já bilhetes, e dos outros logares poucos restam.

Quem quizer que se previna.

Regresso

De Coimbra regressou ante-hontem o destacamento de cavalaria 10, que se achava de reforço n'aquella cidade.

Inquisição no seculo XIX

Escrevem de Coimbra que dois orphãos da Santa Casa da Misericordia d'aquella cidade, contando um d'elles apenas 6 annos de idade, foram barbaramente espancados por um dos padres alli empregados, havendo vestigios

d'esses espancamentos nos corpos dos infelizes.

O algoz supplicion os penitentes, açoitando-lhe os corpos nus, com umas cordas.

PROMESSAS! PROMESSAS!

O sr. Mariano de Carvalho acaba de pedir a sua demissão de ministro da fazenda, depois do fiasco da sessão da camara popular em que foi tratado o caso da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes.

S. ex.ª cahe, mas desligado das suas promessas de regularisar o systema monetario annunciado para fevereiro.

E lá se foram por agua abaixo as suas promessas salvadoras, e as illusões com que acalentou as esperanças do paiz.

Conspiração nihilista

Telegrapham de S. Petersburgo a um considerado jornal estrangeiro dizendo que é absolutamente falsa a noticia que se espalhou de se ter alli descoberto uma conspiração nihilista.

Apenas foram presos seis individuos em Varsovia por terem recebido uns jornaes socialistas cuja entrega tinha sido prohibida.

O correspondente ignora com que fim são enviados estes telegraphmas, que não podem deixar de causar inquietação na Europa.

Balles de mascaras

Um grupo de rapazes projecta dar este anno bailes de mascaras no theatro Aveirense, no periodo carnavalesco.

O vapor *Ethiopia*, na ultima viagem que fez de Glasgow para New-York, encontrou a meio caminho uma baleia enorme, com que abalroou. O esporão do navio cortou pelo meio o cetaceo, que desapareceu envolto n'um turbilhão de espuma.

O *Ethiopia* não soffreu a mais leve avaria.

Entretanto, os passageiros não ganharam para o susto, tal foi a violencia do choque.

A espada de Colombo

Diz um jornal de New-York que, depois de quatro seculos, volven á America a espada que Christovão Colombo cingia quando descobriu aquella parte do mundo.

Levou-a Robert Stritter, commissario da Allemanha, para a exposição universal de Chicago.

A espada é propriedade do muzeu de Strasburgo, que a emprestou para ser exposta no grande certamen de Chicago.

Notas de carteira

Os empregados do correio d'esta cidade offereceram um almoço ao seu chefe, o sr. Prazeres, ultimamente transferido para Santarem.

Foi atacado de uma pneumonia, mas acha-se melhor, o sr. Manuel Antonio Loureiro de Mesquita, pae do sr. Egberto de Mesquita.

Acha-se muito doente o sr. José Pinto da Costa Monteiro, conhecido alquilador d'esta cidade.

Na terça-feira morreu repenti-

mentos, pouco mais ou menos, um por dez, e portanto não podem occupar todo o paiz. Como sabo, antes da conquista, a India dividia-se n'uma quantidade de reinos grandes e pequenos. Os mussulmanos deixaram subsistir os que aceitaram ser tributarios do Grão-Mogol e em reconhecer-lhe a soberania. Se elles pagam bem, porque pagar é sempre o ponto capital, deixam-nos reinar como entendem seus estados, muitas vezes tão grandes como a França, mas as mais das vezes com uma só cidade. D'ahi vem os Rajahs e os Maharajahs: reis e grandes reis.

—Muito agradecido, diz Bussy;

namente, n'uma casa do Alboj, uma octogenaria, mendiga, chamada Thereza Lomba. Vivia só, e foi encontrada morta, em casa.

Retiram no domingo para Santarem o sr. Joaquim José dos Prazeres, onde vae exercer as funcções de director dos correios e telegraphos d'aquelle districto.

Acha-se bastante doente, com um antrax nas costas, o sr. José Pereira de Pinho, negociante d'esta cidade.

FOLHAS SOLTAS

A SAUDE, A DOENÇA E A HYGIENE

Conta-se que a Saude, encontrando a Doença, quiz saber d'esta os processos empregados para conseguir tantos proselytos. A Doença respondeu simplesmente: —Acompanhe-me.

Seguiram ambas por um becco, que foi dar a uma ribeira estagnada, em cujas aguas nadava um vulto, que mettia medo, mas que se escondia ao approximar-se algum. As aguas estavam verdes.

—Que bicho é aquelle? perguntou a Saude.

—E o meu filho mais velho: o Typho, respondeu a Doença.

D'ahi partiram em direcção a uma rua larga, e entraram n'uma igreja, repleta de gente, onde faltava o ar consumido pelas luzes de mil vellas e havia um calor abafadiço. A porta do templo viu e Saude muitos phantasmas.

—Que phantasmas são estes? —São as minhas primas: as Pneumonias, respondeu a Doença.

A Saude deixou o templo acompanhada pela Doença. Já na rua disse esta:

—Vou apresental-a a uma antiga amiga.

Entraram ambas em um predio, atravessando salas acanhadas e abafadiças, chegando a uma alcova, com a janella para o norte, por onde entrava uma velha rabugenta, que pretendia abraçar uma bonita mulher.

—Que velha é aquella? —A minha tia: a Constipação.

A mulher bonita acordou e, bocejando ainda, foi lavar-se n'um liquido exquisito.

—Em que se lava ella? —Nos braços das minhas primas Essencias, que hoje são geradas de venenos.

Depois da lavagem, a dama bezzuntou a cara de branco, applicando em seguida uma corrozada; tingiu os beiços de carmim e a face de pó de arroz; rasgou a abertura dos olhos com uma pincelada de tinta da China e ensopou o cabelo n'esse liquido, tornando-o louro.

—O que faz ella? perguntou a Saude.

—Impedir a transpiração cutanea e estragar a pelle, respondeu a Doença.

Terminadas estas operações, a mulher atirou as chinellas fóra e a muito custo e com muita dôr metten os pés n'umas botinas catitas; depois envergou uns fatos e lançou mão do espartilho, que ligou a si, opprimindo os pulmões, o diaphragma, o estomago, o figado e o baço e fazendo da

até agora só conhecia o Indústio lendario e sagrado, cuja poesia tanto me enthusiasma, e que eu julgava encontrar tal qual.

—Eu cá sou menos poeta, diz Kerjean, e partilho da opinião do Grão-Mogol: tributo primeiro do que tudo. E espero fazer fortuna n'este maravilhoso paiz. Mas com a sua historia, meu amigo, deixe-me dizer-lhe, não dêmos attenção ao bello mulheroio que vae passando.

O passeio publico ficava em continuação do areal, junto das muralhas. Era alli praso-dado ao mundo elegante e, effectivamente, impossivel seria imaginar um passeio

cintura rolica uma cintura de vespa.

A Saude sahio horrorizada, sempre acompanhada pela Doença.

Entraram ambas n'um theatro. N'aquelle momento passou-lhes proximo um phantasma azulado e gazozo, acompanhado d'uns vultos.

—Quem são? perguntou a Saude.

—O meu primo, o Alcool, e seus filhos a Embriaguez, a Temulencia e o Delirium tremens.

Quando a Saude se convenceu de que o desleixo do homem: era o primeiro parente da Doença, sahio d'aquelle meio e encontrou fóra uma creança bonita, rozada, fresca e alegre. A Saude, apenas a viu, correu a abraçal-a.

—Quem é essa presumida? perguntou por sua vez a Doença.

—E' minha irmã: a Hygiene, respondeu a Saude.

A Doença mordeu os labios; então a Saude, levantando os braços, fallou, como os antigos prophetas, e disse:

—Na verdade te affirme, ó Doença, que esta minha irmã está ainda na infancia, mas, no dia em que ella fór mulher, a sua amiga, a Medicina, terá deixado de existir, porque então todos estarão convencidos de que é melhor *precauer que curar*. Sed prior est sanitas quam sit curatio morbi—como sentenciou a escola de Salerno.

(DO «ALGARVIO»).

En quizera que se chegasse ao accordo de que o homem que seduz uma mulher, só pelo prazer de a deshonorar, ficasse mais deshonorado do que ella, porque afinal, elle mentia e ella não; e a mentira é um crime. Nós estamos por fim ainda no estado selvagem, nós que honramos o mentiroso e desprezamos o ser fraco que foi enganado!

Pego a todos os enfermos, que o meu tratamento tenha curado, o provarem-me o seu reconhecimento, fazendo lêr ás filhas enganadas, que elles conheceram, as seguintes palavras:

«Minha pobre filha, não morrerás de vergonha: e menos ainda consintas em assassinar, antes de nascer, o fructo innocente d'um momento de fraqueza em que o mentiroso vos surpreendeu. Recordate que a opinião publica perdoa a falta da filha á ternura de mãe.

Alimenta teu filho, edna-o com cuidado; ama-o como um pobre e fraco ser, abandonado ao nascer pelo seu protector natural. Vou aconselhar-te uma digna vingança. Quando o teu seductor se tiver casado, para esposar algumas libras que tu não tens, como elle terá filhos menos bellos e menos fortes que o teu é, porque os filhos do calculo são sempre rachiticos e escrofulosos, passa frequentemente por junto d'elle com o teu filho, affim de que elle compare o que despresou com o que preferiu. Ensina em seguida ao teu filho, que não é deshonor o ser abandonado por seu pai; porque ninguem pôde ficar deshonorado com o crime de outrem. Vergonha é para aquelle que lhe censurar o seu nascimento e não tiver em conta as suas boas qualidades!»

F. V. RASPAIL.

mais encantador. Frequentavam-no á tardinha, no momento em que o sol principiava a fazer as suas despedidas, e a exuberante vegetação dos jardins, avenidas, palmeiras enormes balouçando suas folhas, os coqueiros, em nenhuma outra parte tão bellos como n'esta costa, illuminados em transparencia, appareciam frescos e luminosos n'um céu azulado, produzindo o mais lindo effeito. Do outro lado estendia-se o azul do mar das Indias e na praia vasta que parecia arejada de oiro, umas atraz das outras rebentavam as ondas em harmoniosa cascata formando toa-lhas de espuma alvejante.

Officina de empalhador

Rua da Fonte Nova—Aveiro

Faustino Alves participa aos seus amigos e freguezes que já lhe chegou uma remessa de palha, para cadeiras, sophás, canapés, etc., etc., assim como concerta e envernisa todos os moveis, garantindo a maxima segurança e perfeição.

PREÇOS SEM EGUAL

José Casimiro da Silva

Lecciona instrucção primaria e 1.ª parte de mathematica em sua casa—Rua da Praça, n.º 9.

M. F. SIMÕES, da Palhaça, tem para vender 12 pipas de vinho velho.

O POVO DE AVEIRO achase á venda em Lisboa nos seguintes locais:—Tabacaria Monaco, Praça de D. Pedro, n.º 21; e Kiosque do Rocio, lado Sul.

ESPECTACULOS

THEATRO AVEIRENSE

DOMINGO 17 DE JANEIRO

Pela Troupe Dramatica Aveirense:

O drama em 4 actos

OS LADRÕES DA HONRA

e a operetta burlesca em 1 acto

O REI LÓ-LÓ

Preços:—Frisas e camarotes de 1.ª ordem (frente), 2\$500; idem, idem (lado), 2\$000; camarotes de 2.ª ordem e A e B, 1\$500; cadeiras, 500; superior, 300; geral alphabetica, 250; idem numerada, 200; galeria, 150; idem de pé, 100 réis.

Annuncios

CHEGOU JÁ

A notavel agua de quina de Pinaud. O seu uso evita a queda dos cabellos, destruindo completamente a caspa.

Pós dentrificos, em frascos, de Azevedo, Irmão & Veiga, admiraveis pelo seu sabor e qualidade.

Pastilha dentifrica de glicerina, de Jellé Frère, a que melhor resultado tem dado contra os abalos dos dentes e descarnamento das gengivas, tornando os dentes brilhantes e destruindo o mau halito da bocca.

Grande variedade de perfumarias e outros artigos de toilette.

Catelaria, escovaria, etc.

A' venda no estabelecimento de barbear de Manuel de Lemos Junior.

ALTO DA R. DE JOSÉ ESTEVÃO, 4A 6

O movimento de trens era enorme á sombra de bello arvoredado que se alinhava em dois renques. As mulheres em trajas ligeiros recostavam-se languidamente nas suas caleches pintadas, guiadas por cocheiros indianos vestidos de branco. Viam-se tambem liteiras e palanquins n'uma outra linha, ao lado dos peões, e muitos cavalleiros indigenas montando garbosamente, passando a todo o galope.

(Continúa.)

TAMANCARIA AVEIRENSE

74—RUA DO ALFENA—76

(JUNTO A' PRAÇA DO PEIXE)

AVEIRO

JOÃO SIMÕES AMARO JUNIOR, participa aos seus amigos e freguezes que no seu estabelecimento se encontra um variadissimo sortido de obra de diferentes qualidades, taes como: tamancos á chineza (bordados) e de outras qualidades e gostos, chancas, galochas, etc., etc.

Encarrega-se de qualquer encomenda para fóra da terra, podendo ser remettida pelo correio. Tambem se encarrega de fornecer obra para qualquer estabelecimento de fóra revender.

Garante a segurança e perfeição de todo o trabalho. Aceita qualquer obra que não fique á vontade do freguez, devolvendo a importancia recebida.

MACHINAS



SINGER

PARA COZER

As que teem obtido os primeiros premios em todas as exposições

A 500 RÉIS SEMANAES

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES!

COMPANHIA FABRIL SINGER

AVEIRO—75, RUA DE JOSÉ ESTEVAO, 79—AVEIRO

E em todas as capitães dos districtos

LIVRARIA ACADEMICA

DE

JOAQUIM FONTES PEREIRA DE MELLO

PRAÇA DO COMMERCIO—AVEIRO

Grande sortimento de livros para lycens e escolas primarias. Correspondencia regular com as principaes livrarias estrangeiras. Albus para desenho, poesia e retratos. Variada colleção de papeis comuns e de phantasia. Novidades litterarias e scientificas. Romances e theatro. Centro de encadernações e brochuras. Objectos de escriptorio e desenho. Tintas d'oleo e aguarella, pinceis, papel tela, vegetal, continuo e marion. Bonitos estojos de desenho. Oleographias, chromos, estampas em relevo, pinturas a oleo, em tela, e madeira. Completo sortido de perfumarias, objectos de toilette, cartonagens para bordados, bilhetes de felicitações, objectos de porcellana, cutilaria, etc.

Assignatura permanente de todas as publicações portuguezas, e centro de assignaturas de todos os jornaes portuguezes, francezes e hespanhoes.

Encarrega-se da impressão de bilhetes, facturas e memoranduns.

Descontos vantajosos aos revendedores de livros.

TABACARIA

DE

Joaquim Fontes Pereira de Mello

PRAÇA DO COMMERCIO—AVEIRO

Grande fornecimento de tabacos e variada escolha de marcas tanto nacionaes como estrangeiras. Collecção completa de cigarreiras, fosforeiras, bolsas para tabaco, carteiras e bilheteiras.

ARMAZEM DE DROGAS

DE

Joaquim M. P. Falcão

42, R. N. DO ALMADA, 44

LISBOA

Artigos para fabricas de lanifícios, cortumes, louças e outros

Importação directa

Novo Diccionario Universal Portuguez

Linguistico, scientifico, biographico, historico, bibliographico, geographico, mythologico, etc.

Compilado por Francisco de Almeida

Condições da assignatura:—O Novo Diccionario Universal Portuguez contém 2.424 paginas, divididas por dois volumes. A distribuição será feita em entregas de 96 paginas, tres vezes em cada mez.

Podemos garantir a regularidade da publicação, visto a obra estar completa, toda estereotypada e muitas folhas já impressas. Os srs. assignantes não correm pois o perigo de ficarem com uma obra incompleta, como tantas vezes acontece.

Em Lisboa e Porto a distribuição é feita em domicilio. Nas demais terras do reino a expedição faz-se pelo correio, recebendo-se antecipadamente o importe de qualquer numero de entregas.

Preço de cada entrega, 120 réis. Fechada a assignatura, o preço será augmentado com mais 20 p. c.

Toda a correspondencia dirigida aos editores e proprietarios Tavares & Irmão, largo de Camões, 5 e 6—Lisboa.

OFFICINA

DE

SERRALHERIA

Rua do Alfena (lado sul)

AVEIRO

MANUEL FERREIRA previne os seus amigos e freguezes que terminou com a sociedade que tinha com o seu ex-socio Quaresma e continúa com a sua nova officina, defronte da antiga, onde executa com a maxima perfeição toda a qualidade d'obra concernente á sua arte, taes como: fogões, cofres, gradeamentos, portões, camas de todos os feitios, lavatorios, etc., etc., garantindo a modicidade de preços e promptidão.

OS ELEPHANTES

POR

Frederico A. Pereira

Consul de Portugal em Siam

Livro illustrado e interessantissimo, constituindo uma bella leitura para creanças e para adultos.

A educação, costumes, intelligencia e aptidões do elephante são da mais alta sympathia

Preço, 200 réis.—Livraria Portuense, editora.—Em todas as livrarias.

Joaquim José de Pinho

ALFAYATE E MERCADOR

ARCOS DE ANADIA

FRIVAL EM AVEIRO:—Rua de Anselmo Braamecamp (antiga rua da Costeira)

GRANDE deposito de fazendas nacionaes e estrangeiras. Tem sempre grande sortido em todas as estações, tanto para obra de medida como para venda a retalho. Chales pretos e de côr. Guarda-chuvas de seda e merino. Miudezas proprias d'esta qualidade de estabelecimento. Grande sortido de chapéus de feltro para homem, das principaes casas do Porto; recebe encomendas dos mesmos. Gravatas para homem. Grande sortimento de fato feito, sendo o seu maior movimento em medida.

Na filial ha grande variedade de papel para forrar salas e de outros artigos.

Todos os freguezes são bem servidos, pois todas as fazendas são devidamente molhadas, e só receberão as suas encomendas quando estejam á sua vontade.

Toda a obra feita sem medida é molhada e os seus preços muito resumidos, para assim poder obter grande numero de freguezes. Especialidade em gabões.

Todos os pedidos podem ser dirigidos tanto para Arcos de Anadia como para Aveiro.

REMEDIOS DE AYER

Peitoral de cereja de Ayer—O remedio mais seguro que ha para curar a Tosse, Bronchite, Asthma e Tuberculos pulmonares.

Extracto composto de salsaparilha de Ayer—Para purificar o sangue, limpar o corpo e cura radical das escrophulas.

O remedio de Ayer contra as sezões—Febres intermitentes e biliosas.

Todos os remedios que ficam indicados são altamente concentrados de maneira que sahem baratos porque um vidro dura muito tempo.

Pilulas catharticas de Ayer—O melhor purgativo, suave, inteiramente vegetal.



VIGOR DO CABELLO DE AYER—Impede que o cabello se torne branco e restaura ao cabello grisalho a sua vitalidade e formosura.

Acido Phosphato de Horsford's



É um agradável e saudavel REFRESCO. Misturado apenas com agua e assucar faz uma bebida deliciosa, e é um especifico contra nervoso e dores de cabeça; sendo tomado depois de jantar auxilia muito a digestão. É baratissimo porque basta meia colherinha do acido para meio copo de agua. Preço de cada frasco, 600 réis.

Os representantes JAMES CASSELS & C.ª, rua de Mousinho da Silveira, n.º 85, Porto, dão as formulas de todos estes remedios aos srs. Facultativos que as requisitarem.

Perfeito Desinfectante e Purificante de JEVES

para desinfectar casas e latrinas; tambem é excellente para tirar gordura de nodos de roupa, limpar metaes, e curar feridas.

Vende-se nas principaes pharmacias e drogarias. Preço, 240 réis

POMADA CONTRA HERPES E EMPIGENS

PREPARADA PELO PHARMACEUTICO

M. ANDRÁDE

Esta pomada tem sido empregada por muitos medicos tirando os melhores resultados.

PREÇO DE CADA CAIXA 360 RÉIS

Remette-se pelo correio franco de porte

DEPOSITO GERAL—Drogaria Arcosa—COIMBRA

DEPOSITO EM LISBOA:—Serzedello & Comp.ª—Largo do Corpo Santo; José Pereira Bastos—Rua Augusta; João Nunes de Almeida—Calçada do Combro, 48. AVEIRO—Pharmacia Moura.

EDITOR—FAUSTINO ALVES

Typ. do «Povo de Aveiro»—R. do Espirito Santo, 71